

## FILOSOFIA E MÉTODO SEMIÓTICO NO ENSINO

### EMANOEL LUÍS ROQUE SOARES

Professor adjunto II da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professor de filosofia da educação do Centro de Formação de Professores, Amargosa-BA, grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisa Filosófica: Educação, Epistemologia e Política, linha: Filosofia da Educação. Doutor em Educação (2008) Universidade Federal do Ceará/FACED. E-mail: el-soares@uol.com.br

### JOCIEL NUNES VIEIRA

Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia no C.F.P. (Centro de Formação de Professores) da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), Campus Amargosa/Ba. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa Filosófica: Educação, Epistemologia e Política; Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: jocielnv@gmail.com

### ROSEMARE DOS SANTOS PEREIRA

Graduanda do Curso de Licenciatura em Filosofia no C.F.P. (Centro de Formação de Professores) da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), Campus Amargosa/BA. E-mail: frosemare@hotmail.com

## Introdução

As exigências da educação são diferentes para cada sujeito: alunos, professores, gestão e comunidade, mas todos compartilham da mesma realidade, logo, o ensino deve abranger esse todo do cotidiano, dinâmico, mutável e flexível com cada ser em particular, “a educação do homem, que o mesmo é dizer da sociedade, se concebeu sempre em função das transformações por que esta passou através do tempo [... nela] os próprios valores básicos da civilização são problematizados, em que o homem se interroga a si mesmo” (GILOT, 1976, p. 07).

A partir dessas problematizações, faz-se necessário pensar quais práticas devem ser intensificadas na escola, com o propósito de conceder aos alunos um ensino que valorize também seus pré-conhecimentos e opiniões que, aliados ao conteúdo programático, permite aos alunos uma melhor experiência de todo ensino transmitido e trocado.

O ensino da Filosofia, que volta aos currículos escolares, conduz o aluno à uma significação do meio em que vive, convertendo-o em mundo, ou seja, espaço onde se manifesta a humanização do ser.

As pedagogias socrática e aristotélica formam os pilares de tal ensino, pois a primeira propõe que o professor saia de sua posição de mestre dotado de todo conhecimento, para que o aluno não fique subalternizado, mas que este exponha tudo aquilo que conhece do mundo para corrigir o que não muito certo está, intensificar suas ideias corretas e mudar suas opiniões quando melhor convier; a segunda pedagogia, coloca o professor como sistematizador dos conteúdos, aplicando-os de forma sequencialmente expositiva e organizada logicamente, em conciliação com a primeira pedagogia.

O estudo da lógica, a partir da visão filosófica, possibilita a construção de pensamentos mais claros e inteligíveis. Mas para isso, devemos saber como se dá a formação do pensamento.

Gilot nos dirá que “em nossos dias [há] um encontro de dois mundos, o da linguagem [...] e o mundo da ação” (p. 12); então, dialogando com Pierce, que propõe que investiguemos a realidade com base em três níveis de pensamento que leva o mundo à ação do movimento, podemos entender a formação do pensamento.

A pedagogia socrática se faz mais presente na vida de um aluno, quando afirmamos como o filósofo clássico que até o mais ignorante pode filosofar. Assim, ao perceber essa característica em cada um dos alunos, o professor (com a pedagogia aristotélica) tem a obrigação de a eles direcionar respeito às opiniões apresentadas, mas também exercer sua função de explicar as teorias condizentes e as opostas a essas opiniões, para que o aluno entenda sua opinião na totalidade.

Não podemos afirmar que só a exposição das teorias filosóficas compõe o ensino, pois

*Expor é transmitir, é apresentar doutrina feita ou a fazer, mas pressupõe sempre, em qualquer dos casos, o que está precisamente em causa e cujo esclarecimento constituiria a solução do problema do aprendiz, pressupõe dizia, que os alunos, por si sós, entregues a si próprios, sem a ação estimuladora e percuciente do mestre, [...] são capazes de*

acompanhar aquele na digressão intelectual, assimilando, desta maneira, o seu pensamento. (GILOT, 1976, p. 37)

### **Superando a Crise do Ensino com os Três Níveis de Pensamento do Método Semiótico**

O ensino deriva de uma atitude filosófica, o questionar, o duvidar. Através dessa atitude o aluno descobre automaticamente as coisas, afinal, quem não pergunta nunca terá uma resposta! A partir disso, o aluno vai problematizando o que lhe é apresentado, elaborando suas próprias teorias e teses sobre as coisas, os acontecimentos, os fatos, as pessoas e sobre si.

Porém, a ação de “boas vindas” da Filosofia com os neo-luzentes se dá por meio da crise. Devido a complexidade dos conteúdos filosóficos e também de um único tema ser tratado por diversos pensadores, cada um com uma perspectiva diferente, gera nos alunos um impacto para com o conhecimento: o que sei? o que devo aprender? o que devo desaprender? como se constitui esse saber? O aluno vai criando uma imagem de que tudo aquilo que ele sabe, não sabe nada realmente sobre aquilo ou que há um intelectual ou outro que pensam de acordo com sua forma de ver o mundo, enquanto muitos outros discordam, então, em quem acreditar?

É por meio dessa crise “intelectual”, uma “tomada de consciência de desadaptação do homem perante o mundo actual e as suas exigências” (GILOT, 1976, p. 08), que surge o diálogo com o outro, a troca de informações, a socialização, as reflexões e críticas, a cultura e a própria humanidade do ser.

Esse processo de crise e superação até o entendimento, tem a ver com os níveis de pensamento de Pierce e sua Semiótica (estudo de todo tipo de linguagem, seja verbal ou não-verbal): o da qualidade, o da relação e o da representação, níveis que o filósofo aplica para uma classificação dos raciocínios em Primeiridade (1<sup>o</sup>), Secundidade (2<sup>o</sup>) e Terceiridade (3<sup>o</sup>).

O primeiro nível do pensamento, associado à qualidade, é quando o sujeito observa algo que pretende conhecer, “de longe”, sem contato, vínculo ou algum tipo de relação com ele.

A relação que temos com o mundo se dá através dos fenômenos que nele ocorrem para, por meio destes, tentarmos conhecê-lo, ou seja, por meio das ideias e manifestações de toda e qualquer coisa que pode chegar à mente humana para uma interpretação. Tudo é um fenômeno e ele é composto por signos. “Um signo, ou *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PIERCE, 1991, p. 46).

Um *Signo* é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma, *ad infinitum*. (PIERCE, 1991, p. 28)

A observação das qualidades de um signo, é a Primeiridade posta em prática.

A partir do momento que o sujeito se relaciona, direta ou indiretamente com o fenômeno signífico na busca de interpretá-lo, acontece a Secundidade, é o momento da experiência onde a possibilidade longínqua do “dever ser” da Primeiridade passa para um “realmente é”, já que há o conflito do objeto com o sujeito, a ação-reação para testar e fragmentar o objeto em partes possivelmente inteligíveis.

Após fragmentação, a mente começa a significar com mais propriedade o signo, e o representa mais facilmente. Essa é a Terceiridade, é quando há uma síntese do primeiro e do segundo nível num ato, a representação.

Esses três níveis de pensamento que organizam os raciocínios no sistema cognitivo do sujeito são os facilitadores da aquisição do conhecimento que, tendo eles confusos, destrincha-os e passa a descrevê-los de maneira lógica e claramente.

## Complementando as Disciplinas Essenciais

As duas disciplinas tidas como essenciais no Ensino Básico (consideremos Ensino Básico como a formação escolar adquirida desde a 1ª série até o último ano do Ensino Médio – básicos porque é a formação mínima exigida para qual atuação profissional), eram o Português e a Matemática, principais porque ensinam aos alunos a ler e contar o/no mundo. Mas estas disciplinas são estáticas, não geram um diálogo. Uma outra disciplina que ganhou espaço como sendo, também, essencial no ensino, foi a Filosofia, de extrema importância para o desenvolver do pensamento do aluno, que vai estimulando a “faculdade de aprendizado, de aquisição, memória e inferência, síntese” (PIERCE, 1991, p. 14).

Esses cinco elementos, formam a atmosfera psíquica, cuja motivação nessa construção mental é tarefa do professor, que entusiasmo e não se escandaliza com os pré-conceitos dos alunos, porque ele é dotado de uma “maleabilidade de espírito” (cf. GILOT, 1976, p. 38), já que para se “explicar, seja o que for, supõe sempre apelo a uma experiência prévia” (GILOT, 1976, p. 40).

Trabalhar com os alunos os conceitos que eles trazem, é a Secundidade dessa tríade, pois a Primeiridade se deu quando o sujeito percebeu que possuía algum tipo de conhecimento. As discussões produzidas em sala de aula, que desconstroem e fundamentam as ideias, é a etapa da Terceiridade.

É fácil analisarmos semioticamente o Ensino e sua forma de ser aplicado nas escolas, uma vez que consideramos toda disciplina como dotada de uma linguagem própria, linguagem esta que tem sua forma particular de gerar significações a partir das interpretações assentidas.

[...] um ato de assentimento é um ato da mente através do qual a pessoa se esforça por imprimir sobre sua disposição os significados da proposição, de modo que ela governe sua conduta, incluindo o pensamento subjacente à condu-

ta, sendo que este hábito está sempre em disponibilidade para ser rompido caso surjam razões para que assim se faça. (PIERCE, 1991, p. 80)

Assentir leva o aluno ao autodidatismo, utilizando-se de um recurso inato seu, a curiosidade. Mas, na escola ou em qualquer outro espaço em que se gera o conhecimento, o outro é o responsável pelo rompimento que pode acontecer na “consciência da síntese” (cf. PIERCE, 1991, p. 16).

Sozinho, um aluno pode adquirir conhecimentos amplos e bem fundamentados, mas com a relação com outros trocadores de conhecimento, as informações, opiniões e saberes se multiplicam e constroem novos, pois o

sentido de aprendizado, de aquisição de desenvolvimento mental, é eminentemente característico da cognição. Este é um tipo de consciência que não pode ser imediato porque cobre um certo tempo, e isso não apenas porque continua através de cada instante desse tempo mas porque não pode ser contraído para caber num instante. (PIERCE, 1991, p.16)

A interdisciplinaridade, a nova modalidade das últimas décadas sobre o aprendizado complementar de uma disciplina com outra(s), se aproveita dessas interpretações para encontrar num determinado assunto pertinente na realidade atual dos educandos, o que cada disciplina pode trabalhar sobre o tema. Aqui, o nível de interpretação é levado ao mais alto nível, pois cada professor pode ter uma percepção diferente de um único ponto, e o mesmo vale para os alunos, que auxiliam (talvez são mais responsáveis do que os próprios professores) na expansão do conhecimento.

A interdisciplinaridade pode ser comparada com a Terceiridade: de um objeto sógnico, chegamos às mesmas conclusões que a história da humanidade conseguiu formular (ex.: um carro, que tem rodas, anda mais rápido sobre o chão); mas, saindo desse movimento cíclico e gerando um novo movimento, de um objeto sógnico

pode-se criar novas teses (ex.: um carro, te que m rodas, tendo em seu motor novas aplicações tecnológicas, ao andar tão rápido sobre o chão, pode chegar a voar).

O método semiótico, também têm em si o aspecto do ensino interdisciplinar, pois sendo uma ciência dos signos e análise da manifestação destes nas linguagens tanto verbais como nas não-verbais, as demais áreas de estudo e suas linhas de pesquisa beberão da fonte lógica-linguística da semiótica para observarem-sistematizarem-conceituarem seus objetos de estudo (1º, 2º e 3º, respectivamente).

### Complementando as Ciências

Assim como há o debate sobre as disciplinas essenciais, também há o das ciências. Há quem creia que as ciências são independentes da Filosofia, e vice-versa, cada uma com seus diferentes métodos para estudar os fenômenos e se chegar a uma verdade. Mas há quem defenda a Filosofia como apoiadora, e talvez fundamentadora, do conhecimento científico, utilizando-se de seus raciocínios lógicos e do método semiótico.

O matemático que chegar à conclusão, e seu interesse pelo processo é simplesmente pelo processo como um meio de chegar-se a semelhantes conclusões. O lógico não se importa com qual possa ser o resultado; seu desejo é o de compreender a natureza do processo pelo qual se alcança o resultado. O matemático procura o mais rápido e sumário dos métodos seguros; o lógico quer que cada passo do processo, por menor que seja, apareça distintamente, de tal forma que sua natureza possa ser compreendida. (PIERCE, 1991, p. 175)

Nesse sentido, o que significa conhecer? Os processos utilizados pelo método científico, dão-se por meio do empirismo, cada coisa deve ser testada, experimentada, e aprovada/reprovada se-

gundo suas manifestações (que espera-se que sejam repetidas todas as vezes que forem realizados os mesmos passos).

O método semiótico para se chegar a um conhecimento, dar-se-á por meio do pensamento, pois todo ele será gerado na mente e é pela mente que ele será posto em prática. Assim, os três níveis de pensamento, utilizarão as três formas de raciocínio descritas por Pierce para as ciências: dedução, indução e abdução (ou retrodução).

A dedução é o raciocínio mais simples, refere-se a necessidade, “partimos de um estado de coisas hipotético que definimos sob certos aspectos abstratos” (PIERCE, 1991, p. 215), parte do geral para um particular; onde a conclusão das premissas enunciadas é o reconhecimento dos fatos. O resultado das premissas é uma certeza obtida a partir do conhecimento que já temos.

Esse nível de raciocínio, encontramos na Primeiridade, onde a abstração é anterior à reflexão, é um pensamento puro. O conhecimento presente aqui, não tem nada de novo, simplesmente é melhor organizado e sistematizado; de uma característica geral de um signo, chegamos a uma definição do signo estudado, como tendo parte do todo que compõe. Por ser uma parte é que ele não gera conhecimento. Observemos um exemplo clássico:

Todos os homens são mortais.  
Sócrates é um homem.  
Logo, Sócrates é mortal.

Os elementos “Sócrates” e “homem” são parte do conjunto total “mortal”. O elemento “Sócrates” é o menor dos elementos, porque ele também faz parte do subconjunto “homem”. A informação de que todos os homens são mortais é conhecida por todos, mas nem todos conhecem um homem que possa se chamar Sócrates, porém, quem conhece um, de imediato, conclui que ele é como os demais homens: “mortal”. Nenhum conhecimento foi gerado, porque todas as informações já são conhecidas, elas são simplesmente colocadas em ordem.



Sendo contrária a dedução, a indução parte de casos particulares para formar um raciocínio geral. “Indução é o modo de raciocínio que adota uma conclusão como aproximada por resultar ela de um método de inferência que, de modo geral, deve no final conduzir à verdade” (PIERCE, 1991, p. 06). Característico da Secundidade, o momento da relação ou conflito é que vai estabelecer o conhecimento neste momento, porém, um conhecimento provável, uma mera possibilidade.

As experiências com este nível de raciocínio é que permitem a afirmação de alguns conhecimentos (a passagem do “deve ser” para o “realmente é”) e a descoberta de novos pela desconstrução de outros (se tal signo não “é realmente”, ele será “outra coisa”).

Vamos ao exemplo:

Sócrates é um homem.

Sócrates é mortal

Logo, todos os homens são mortais.

Apresentamos na primeira premissa o subconjunto “homem” e na segunda premissa, o conjunto total “mortal”, e nessas duas premissas, enunciamos um outro elemento, “Sócrates”. Assim, supomos que este último elemento também faz parte do subconjunto da totalidade. Isso é uma possibilidade, pois não são só “homens” que são chamados de “Sócrates”, podemos chamar um animal ou alguma obra de arte que tenha o mesmo nome. Logo, a certeza trazida pela indução, deve ser analisada posteriormente para verificar sua validade, pois uma obra de arte, por exemplo, não morre, mas um animal pode morrer. A questão da validade não é a preocupação maior da lógica, e sim a estrutura do raciocínio, ou seja, como se chegou a tal conclusão.

Se a indução deve ser testada após a apresentação dos enunciados, a partir de um número grande de possibilidades que chegam a um mesmo resultado faz-se uma regra e com ela valida-se o conhecimento. Como a primeira premissa do exemplo diz que

“Sócrates” é um “homem”, partimos da regra de que é mais fácil encontrarmos “homens” com o nome de “Sócrates”, do que um animal ou outra coisa. Aqui, também, não é gerado conhecimento novo, somente determinação da validade.

O último nível de raciocínio, é a abdução ou retrodução, ligado à Terceiridade, que pode confirmar um conhecimento ou gerar um novo. “Abdução é o processo de formação de uma hipótese explanatória. É a única operação lógica que apresenta uma idéia nova” (PIERCE, 1991, p. 220). Nesse nível, a possibilidade hipotética é adotada para formular uma pré-afirmação do signo a ser conhecido; como em sua terminologia: *hypo* (debaixo) e *thesis* (tese), ou seja, um tese pequena, uma pré-tese.

A pergunta que se faz na conclusão da abdução, interroga sobre o resultado, mas admitindo a possibilidade de também poder ser outro o resultado. Exemplo:

Todos os homens são mortais .  
 Sócrates é mortal.  
 Logo, Sócrates é um homem.

Observamos que este nível de raciocínio está entre os outros dois: a regra geral sendo logo apresentada como na dedução; e uma possibilidade logo em seguida, como na indução. “Abdução é um argumento que apresenta fatos em suas Premissas que apresentam uma similaridade com o fato enunciado na Conclusão, mas que poderiam perfeitamente ser verdadeiras sem que esta última também o fosse, mais ainda sem ser reconhecida” (PIERCE, 1991, p. 30). Assim, a hipótese lançada na abdução, é audaciosa, porque tem mais possibilidades de levar ao erro. Ainda não sabemos se o “Sócrates” que é enunciado é um “homem”, sabemos somente que ele é “mortal”; mas infiro que “Sócrates” é um “homem” pela observação semiótica das premissas lançadas.

O último nível de raciocínio, tem como característica a causalidade. Então, não há a preocupação em saber se realmente o

“Sócrates” que é enunciado é verdadeiramente um “homem” ou não, simplesmente importa saber que há a possibilidade de ele ser, como há a chance de ser outra coisa.

Podemos, então, considerar que, assim como tais níveis de raciocínio formam o pensamento científico, da mesma maneira o ensino-aprendizado é formado, ora deduzindo, ora induzindo e ora abduzindo as transformações físicas, químicas, biológicas, sociais, abstratas e inteligíveis que a realidade nos envolve.

A Filosofia, mas especificamente o método lógico da semiótica, orienta o passo-a-passo da aquisição do conhecimento pela experiência da interpretação dos fenômenos sógnicos e sua representação na mente dos sujeito intérpretes.

## Conclusão

Para se chegar a conclusão dessa discussão, faz-se necessário respondermos a seguinte pergunta: “O que é um problema?”. Essa é de fundamental importância para o Ensino, para a Filosofia e para a Semiótica, porque é através dos problemas que as dúvidas são sanadas, as reflexões são construídas e a cognição aguçada.

Respondendo: tudo é um problema, porque o que alguém vê de uma forma, outros o questionam sobre sua posição, por pensarem diferente. Essa é a grande obra do conhecimento: ser diferente para cada um discutir o que pensa, sente e vê, montando em conjunto os saberes e disseminado a todos que interessar.

Gilot nos diz que o aluno “não inventa nada, apenas espera que o mestre lhe ministre os materiais necessários e suficientes para com eles poder pensar por si” (GILOT, 1976, p. 45); e Pierce diz que “a compreensão consiste nos atributos (necessários) *considerados* comuns aos objetos” (PIERCE, 1991, p. 132), ou seja, o filósofo lógico propõe que haja traços comuns entre o signo estudado e seu intérprete, a ligação entre o objeto em análise com o que há

de representação na mente do sujeito, pois é por meio dessa ligação que a busca do entendimento se faz.

Os alunos edificam os significados de seus aprendizados quando suas ideias e pensamentos são comunicados, dialogados, exemplificados. Um professor não conseguirá “colocar” ideias nas cabeças de seus alunos se eles não construírem seus próprios significados. Todo esse processo é ordenado logicamente na arquitetura do saber, para que a natureza do pensamento seja desvelada, apreendida e, assim que interpretada, aplicada à realidade vivente.

Se a Filosofia é a superação do chamado “senso comum”, é tarefa do facilitador do conhecimento, orientar essa transição, 1º acolhendo os saberes vindos do senso comum, tendo a noção das ideias e teorias que trazem; 2º fragmentando-o nas diversas áreas que é cabível, assimilando-os com a realidade; 3º conceituando melhor cada campo de estudo, aproveitando o máximo o saber nele instituído, percorrendo “com o seu raciocínio, diferentes vias de pensamento” (GILOT, 1976, p. 52).

O interesse do aluno, um estado ativo para se adquirir algum tipo de informação ou aprendizado, leva-o automaticamente ao esforço e descarta as imposições; motiva a ampliação do conteúdo deixando de lado o ensino reduzido e sintético já programado; da percepção emerge os juízos, do sensível e do inteligível surge a essência; as contradições se esclarecem; a objetividade se une à subjetividade para justificar o mundo, e a linguagem, com seus signos e símbolos vai criando outros mundos a serem descobertos pelos luzentes.

### Referências Bibliográficas

- GILOT, Fernando. *Do ensino da Filosofia*. Lisboa. Livros Horizonte LTDA, 1976.
- PIERCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1991.